

ANA PAULA FIGUEIRA

FRANCISCO PALMA CARVALHO

13

personalidades falam de Artes, Literatura,
Política, Sociedade e Turismo

SEM RESERVAS NEM TABUS

Alberto João Jardim

Carlos do Carmo

Edite Estrela

Francisco Moita Flores

João Martins Vieira

Licínio Cunha

Mário Zambujal

Nicolau Breyner

Odete Santos

Pedro Abrunhosa

Ruy de Carvalho

Sérgio Palma Brito

Telmo Correia



ÉSQUILO

ÍNDICE

NOTA DOS AUTORES	9
PREFÁCIO - ANTÓNIO FILIPE PIMENTEL	15
PLANEAMENTO E ORDENAMENTO TURÍSTICO - JOÃO MARTINS VIEIRA	21
ECONOMIA E POLÍTICA DO TURISMO - LICÍNIO CUNHA	29
O ALENTEJO DO INÍCIO DO SÉCULO XXI E O TURISMO - SÉRGIO PALMA BRITO ..	37
A VIDA É UM ENTRETANTO - MÁRIO ZAMBUJAL	47
MÚSICA, POLÍTICA E CONVICÇÕES - PEDRO ABRUNHOSA	59
DIFÍCIL NÃO É CHEGAR, É FICAR! - NICOLAU BREYNER	77
DESAFIOS PARA O TURISMO NO SÉCULO XXI - TELMO CORREIA	91
A VIDA É DEMASIADO CURTA PARA SE PERDER EM ADJECTIVOS - FRANCISCO MOITA FLORES	109
REBELDE QUANTO BASTE - ODETE SANTOS	127
DIFERENÇAS DE GÉNERO E GÉNERO DE DIFERENÇAS - EDITE ESTRELA	141
MORRO TODOS OS DIAS, NASÇO TODOS OS DIAS - CARLOS DO CARMO	153

marras” profissionais e dis-
 n o quotidiano nacional.
 as numa fase incipiente do
 e os conteúdos aqui publica-
 rmente pelos seus autores.
 destacadas personalidades

Francisco Palma Carvalho

UMA IDEIA DE INTERIOR

Prefácio de António Filipe Pimentel

Aos meus alunos de *Gestão e Programação Cultural* da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra costumo dar por horizonte “aprender a fazer filhós de água”: um repto, cunhado em expressão popular (que se constituiu já em *private joke*), originado nos objectivos dos trabalhos práticos a que procuro estimulá-los (não raro – e até mesmo de preferência – alicerçados nas suas próprias experiências profissionais), em contínua pesquisa de originalidade de ideias, economia de meios e recursos e sustentabilidade humana e financeira (e numa pedagogia deliberada das virtualidades do trabalho em parceria).

Um repto, porém, nascido das condições de trabalho que, pela maior parte, os poderão realmente aguardar (ou nas quais se inscrevem já), bem distantes, por regra, das situações ideais, onde gestão e programação são exercícios de criatividade e inteligência, a exercitar (como deveriam ser) por técnicos de formação exigente, a partir de recursos sensatos, disponibilizados por entidades ou instituições cientes do valor mobilizador (em todos os domínios e desde logo no económico) da cultura e do património. Essas, pedagogicamente exibidas como *study cases*, pelas extraordinárias virtualidades que encerram do ponto de vista da ilustração prática dos postulados teóricos que me esforço por ministrar-lhes – são por nós/eles designadas (também em *private joke*) e atento o contraste que estabelecem com a realidade em

que são forçados a mover-se, de *brinquedos de luxo*: um punhado de equipamentos culturais, disseminados num muito esparso aqui e além, configurando um nirvana longínquo, onde, à mercê dos recursos financeiros e administrativos disponibilizados, se torna viável proceder a uma criteriosa selecção de recursos humanos, no âmbito de projectos maduramente reflectidos, possibilitando uma rápida materialização prática de objectivos (o que não implica que não seja esforçada) e uma demonstração eloquente do valor sinérgico da cultura — esse que o próprio discurso tecnocrático começa já a incontroversamente incorporar.

Todos mais ou menos os conhecemos. E felizmente que existem e pouco a pouco se vão disseminando essas situações reputadas como ideais. Nelas, em primeiro grau, se alicerçam as possibilidades demonstrativas de um discurso que diuturnamente é feito, quase em proselitismo, por quantos trabalham nas áreas do património e da cultura — e a esperança de que, pouco a pouco, o seu exemplo mobilizador possa vir a generalizar-se. Porém, a realidade quotidiana em que, na esfera pública como na privada, se move a generalidade dos profissionais desta área, estabelece com eles um profundo contraste, por isso mesmo com frequência desmotivador. E é justamente aqui que o trabalho de Ana Paula Figueira, carregado de uma notável energia, oriunda de uma atitude empreendedora e optimista, avulta como pedagogicamente exemplar: e por isso mesmo o fiz também desfilar como *study case* - devo dizer que com os mais entusiásticos resultados. Consequentemente constitui, de facto, um lídimo exemplo de como fazer *filhós de água*.

Um exemplo, na verdade, de como, argutamente, mobilizar sinergias que se desconhecia que existiam, gerando recursos onde parecia não havê-los, por esse modo logrando reverter - aí no co-

ração do Alentejo - o selo ingrato da *interioridade*: numa demonstração eloquente de que o optimismo concentra, só por si, a melhor das energias; e de que a energia gera sempre recursos, suscitando, pela sua mesma natureza, possibilidades mobilizadoras cuja real extensão é mesmo impossível reconhecer antecipadamente. Ao termo, a atitude *pró-activa* converte-se, na verdade, na mais eloquente demonstração das suas próprias e intrínsecas capacidades mobilizadoras, revertendo por natureza (pelas *enzimas* expansivas que contém) o próprio conceito de *interior*, pela mera razão de lhe ser atávica a busca do *exterior*. E, por seu efeito, *interior* deixa de ser sinal de estigma ou de destino, para converter-se em *marca*: numa assumpção auto-estimada de sinonímia com a palavra *alma*, essa mesma que o Alentejo cultiva ancestralmente e ciosamente tem sabido conservar.

O trabalho de Ana Paula Figueira assenta na capacidade de desenvolver uma visão estratégica susceptível de reconhecer, ao seu redor, as energias disponíveis, à margem mesmo da aparente inexistência de recursos - e assenta numa energia (a sua própria) que não se deixa desmoralizar. E o recurso que se decidiu a mobilizar foi, de início, o mais imaterial de todos: o tempo. O simples tempo. O seu tempo e o tempo dos outros.

Foi isso que começou por construir: uma espécie de *banco de tempo* (ideia generosa já em outro escopo desenhada), tomando por recurso a disponibilidade de gente a quem a sua frontalidade cativou, para debater, em regime informal (esse a que o Alentejo, com a sua proverbial cultura de tempo intemporal tanto impele) temas diversos que, pela sua própria diversidade se tornam cativantes (e pela sua oportunidade operativos), numa recriação amena das antigas catureiras de lareira ou poial, revestindo a forma de tertúlias habilmente moderadas, agora em ambiente

contemporâneo. E com tal criou, em fim de contas, uma *bolsa de energia*, cujo efeito mobilizador, sabiamente dirigido, não tardaria a produzir efeitos.

De facto, não levaria muito a demonstrar-se que as *conversas tertulianas*, onde uma plêiade bem urdida de convidados (os mais surpreendentes) ia desfilando, não somente contribuía objectivamente para desmontar o selo de interioridade com o seu correlativo ónus de isolamento, como se convertiam num oportuno palco, onde não apenas os seus convidados desfilavam, como o seu próprio Alentejo se exibia, no que tem de mais cativante e sedutor: a sua proverbial hospitalidade. Estava pois criado o primeiro capital social da nova *empresa*. A empresa a que Ana Paula Figueira se tinha abalançado e que é, na essência, a de não deixar pender os braços, no costumeiro desânimo que geram as dificuldades ancestrais. E o Alentejo - a sua Beja - compreendeu rapidamente a mais-valia que esse palco fornecia: e não tardou que das primeiras, quase empíricas, reuniões, brotasse pouco a pouco (em congregação de sinergias) uma organização com claros foros de profissionalismo, a pedir meças a muitas iniciativas amplamente orçamentadas - que, por seu turno, contribuiria poderosamente para demonstrar o que uma comunidade, em fim de contas prene de recursos, pode fazer por si quando se dispõe a demonstrar o que de melhor tem e do que é capaz.

As *Conversas Tertulianas* - cujo teor ora se passa a escrito para que se não perca a sua memória operativa - converteram-se, assim, num modelo do muito que, de quase nada, a imaginação e a determinação podem fazer, se aplicadas com sabedoria e equilíbrio. E a passagem a escrito desse testemunho sob o olhar arguto do jornalista Francisco Palma Carvalho, releva muitíssimo, por isso que ele é verdadeiramente pedagógico e, nesse sentido, ape-

em fim de contas, uma *bolsa de*
biamente dirigido, não tarda-
monstrar-se que as *conversas*
urdida de convidados (os mais
samente contribuíam objecti-
terioridade com o seu corre-
se convertiam num oportuno
nvidados desfilavam, como o
e tem de mais cativante e se-
e. Estava pois criado o primei-
A empresa a que Ana Paula Fi-
na essência, a de não deixar
sânimo que geram as dificul-
a Beja - compreendeu rapi-
o fornecia: e não tardou que
niões, brotasse pouco a pouco
organização com claros foros
a muitas iniciativas ampla-
turno, contribuiria poderosa-
comunidade, em fim de con-
r por si quando se dispõe a
do que é capaz.
eior ora se passa a escrito pa-
operativa - converteram-se,
e quase nada, a imaginação e
icadas com sabedoria e equi-
testemunho sob o olhar argu-
valho, releva muitíssimo, por
gógico e, nesse sentido, ape-

PREFÁCIO

nas a sua fixação por esta via permitirá que tenha o voo amplo que merece, generalizando a outros locais e a outros contextos a sua força mobilizadora. Ana Paula Figueira, por seu turno, com a sua indómita energia e notável capacidade realizadora, levantou asas já para outros voos, desdobrando e reconvertendo o lance original: sempre alimentada pela aposta deliberada no optimismo como atitude intelectual, porventura o mais precioso e profícuo de todos os recursos.

E muito há a esperar da sua acção. Importa agora que a sua obra se não perca tanto no plano local, como nesse outro aro, mais vasto, onde o eco do seu exemplo vai chegando. Nesse sentido, o livro que agora se edita - e constitui o vívido relatório dessa empresa - forma o necessário patamar de memória que importava fixar: mesmo que nada realmente substitua o efeito mobilizador da sua energia pessoal, que fazem de cada contacto com a autora uma perpétua glosa de *conversas tertulianas*.